



UMA ANÁLISE SOBRE O CASAMENTO MEDIEVAL SEGUNDO THOMAS MALORY

Márcia Maria de Medeiros*

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS

marciamaria@uems.br

RESUMO: O casamento era visto na idade média, entre os membros da nobreza, como uma forma de assegurar o futuro da linhagem e o crescimento galhardo da mesma. Assim ele se constituía em uma prática que se traduzia numa forma de controle da mulher e de seu corpo pela parentela masculina, fosse ela o pai, o marido, ou mesmo, o filho mais velho. Um dos casamentos mais famosos e celebrados dos romances de cavalaria é o de Artur e Ginebra¹, o qual será objeto de análise do presente trabalho, que observará os meandros literários e os artifícios utilizados por Thomas Malory para dar conta do episódio.

PALAVRAS-CHAVE: Casamento – Literatura medieval – Idade média.

ABSTRACT: At the middle the marriage was a form to guarantee the family's future and the grow of the family. So the marriage was a practical of control's woman and her body by the male relationship: father, husband, older son. One de most famous marriage of romance of cavalry is Artur and Ginebra's marriage, object of analyse in this article, where will observe the Malory's way to narrate the episode.

KEYWORDS: Marriage – Medieval literature – Middle age.

O romance de Thomas Malory, **La muerte de Arturo**, foi escrito em meados do século XVI, quando a Inglaterra já havia enfrentado a Guerra das Duas Rosas, a qual foi responsável pelo enfraquecimento da nobreza britânica, pois colocou frente a frente no campo de batalha, as duas mais importantes linhagens do país, a saber, os York e os Lancaster. Nesse romance, Malory narra às peripécias do Rei Artur e dos cavaleiros da Távola Redonda e entre elas o casamento de Artur com sua amada Ginebra, filha do rei Leodegrance o qual reinava sobre Camelard².

* Graduada em História pela UPF, Mestre em História pela PUCRS e Doutora em Letras pela UEL. Professora Adjunta da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Amambai.

¹ A rainha também é chamada de Guinevere.

² A versão da obra de Malory utilizada como fonte é: MALORY, Thomas. **La muerte de Arturo**. Madrid: Siruela, 2005.

De acordo com o texto de Malory, Artur havia se tornado rei “por ventura y gracia”³, pois a maioria dos barões não sabia que ele era filho de Uther Pendragon, ainda que Merlim o tenha feito saber de forma pública. Entretanto isso não impediu que o jovem rei em começo de reinado tivesse lançada contra si uma guerra. O problema que envolvia Artur nesse começo era exatamente o da linhagem: quando retirou Excalibur da pedra, Artur era apenas um escudeiro, um filho secundogênito em uma sociedade onde o direito de todas as benesses era concedido à primogenitura.

Ademais, por seu nascimento envolto em mistério⁴, Artur não parecia a melhor indicação para o trono, pelo menos não no sentido do que o medievo considerava para as famílias de sangue azul, conforme Georges Duby elenca na obra **Idade média, idade dos homens**:

Na pessoa dessas crianças reúne-se o que ela trouxe [a mãe] e o que elas conservam de seu pai, a esperança de duas sucessões, a reverência para com duas linhagens de antepassados de onde são retirados, segundo regras de difícil reconstituição, os nomes dados a cada uma delas. A posição que elas ocuparão no mundo, as oportunidades que terão por sua vez de se casarem bem dependem das cláusulas da aliança concluída por ocasião do casamento dos seus pais⁵.

A partir desse processo é possível dizer que o casamento é um vínculo que não une apenas dos esposos. Antes, ele une duas famílias. Assim, a criação de um novo núcleo familiar se traduz pela construção de uma imensa rede de parentesco e de alianças, as quais alteram o panorama social e político de uma comunidade. Esta função política do casamento não deve ser esquecida, pois ela sanciona as alianças ou semeia as discórdias, como se percebe da citação abaixo transcrita:

[...] momento de encontro de grupos familiares freqüentemente opostos, o matrimônio pode ser o ponto fulcral de uma estratégia que tende a dilatar a amizade, a estender progressivamente as malhas de uma rede de alianças internas na cidade que produzem o efeito benéfico da concórdia social⁶.

O tema da concórdia reaparece com freqüência nos tratados e nas pastorais que se referem ao matrimônio no período que compreende os séculos XIII ao XV: tanto a

³ MALORY, Thomas. **La muerte de Arturo**. Madrid: Siruela, 2005, p. 113.

⁴ Cf. Ibid.

⁵ DUBY, Georges. **Idade média, idade dos homens**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989, p. 15.

⁶ VECCHIO, S. A boa esposa. In: DUBY, G.; PERROT, M. **História das mulheres no ocidente**. Lisboa: Afrontamento, 1990, p. 148.

concordia social que através do matrimônio se gera e perpetua; quanto a concordia interna do lar, quesito indispensável para que as famílias se constituam e mantenham.

Se os esposos entram em desarmonia isso se reflete no comportamento análogo da parentela. Já o cuidado e a benevolência prestados aos amigos e parentes do cônjuge produzem também no interior do casal mais unidade e amor. Este cruzamento delicado tem como figura central a mulher. De acordo com Vecchio:

[...] a figura da mulher aparece como elemento essencial de uma dupla de pacificação: responsável única de uma unanimidade conjugal que, como veremos, passa sobretudo pela sua subordinação ao esposo, ela tem igualmente a tarefa de manter as boas relações com os sogros e com os parentes do marido⁷.

Nesse contexto, é possível ir ainda mais longe: parafraseando Vecchio, as mulheres casadas apresentam um papel essencial na construção de um modelo social que os clérigos elaboram. E elas constituem o elemento dinâmico desse sistema. Quando se propõem uma pastoral para as mulheres isso quer dizer repensar uma série de esquemas e modelos que foram herança de sociedade passadas à luz das exigências de uma sociedade onde o controle das estratégias familiares, através da elaboração de outra ideologia matrimonial, representa a oportunidade de uma batalha que clérigos e leigos travam já há muito tempo.⁸

Artur é tido, em um primeiro momento, por um bastardo. Essa situação só fica mais clara depois de dar-se a luz ao nome de seu pai e de sua mãe. Entretanto, mesmo que a querela tenha impossibilitado ao reinado de Artur um início pacífico, pela ação e conselho de Merlim ele se saiu vitorioso e outro passou a ser o problema de sua vida: seus barões insistiam para que ele se casasse o que ele diz que só fará com a ajuda do mago: “Mis barones no me dejan en paz, insiendiendo en que necesito tomar esposa, aunque no tomaré ninguna sino por tu acuerdo y tu consejo”.⁹

Merlim achou produtor que Artur tomasse uma esposa, pois ele era um nobre e um rei, e um homem de sua estatura social não deveria manter-se solteiro. Aqui sole fazer duas considerações. Primeiramente é preciso reportar ao pai de Artur, Uther. Quando Uther viu Igraine, a mãe de Artur, ele apaixonou-se por ela, que era casada com

⁷ VECCHIO, S. A boa esposa. In: DUBY, G.; PERROT, M. **História das mulheres no ocidente**. Lisboa: Afrontamento, 1990, p. 148.

⁸ Ibid., p. 144.

⁹ MALORY, Thomas. **La muerte de Arturo**. Madrid: Siruela, 2005, p. 113.

o duque de Tintagel, um de seus vassallos. Uther (que era solteiro) não desejou mais nenhuma mulher e uma guerra foi movida para que ela se tornasse sua esposa¹⁰. Estaria Merlim, com sua tão diligente resposta de que seria producente que Artur tomasse uma mulher querendo evitar nova tragédia?

Em segundo lugar, é preciso ressaltar a necessidade de que o rei se case para que tenha filhos e perpetue a sua linhagem e o nome de sua família através dos séculos. Entre as casas principescas o casamento é um jogo que tem um papel primordial, qual seja ele, a distribuição do poder no seio dessas casas¹¹.

Merlim pergunta a Artur se ele já tem alguma jovem que deseje como esposa em mente, ao que ele responde que sim e o faz de forma extremamente apaixonada:

Si – dijo Arturo -, amo a Ginebra, hija del Rey Leodegrance, de la tierra de Camelerd, el cual tiene en su casa la Tabla Redonda que, como tu dices, la recibí de mi padre Uther. Y esta doncella es la dama más valiente y hermosa que conozco viva, o aun que podría hallar¹².

A fala apaixonada de Artur denota uma paixão fulminante e o mago realmente concorda que se o amor é tão grande assim, realmente Artur deve tomar-la por esposa, já que parecia determinado a isso. Porém em segredo, conselheiro avisou ao rei de que tal casamento não lhe seria de bom alvitre:

Pero Merlin advirtió al rey secretamente que no era sano para él tomar a Ginebra por esposa, y le previno que Lanzarote la amaría, y ella a él; y seguidamente encaminó sus palabras hacia las aventuras del Santo Grial. Entonces Merlin pidió licencia al rey para llevar hombres con él para indagar sobre Ginebra, y el rey se los otorgó; y fue Merlin al rey Leodegrance de Camelerd, y le habló del deseo del rey, que quería tomar por esposa a su hija Ginebra¹³.

Nem as sábias palavras de Merlim, conselheiro que conhecia o passado e o futuro e por isso julgava tão bem o presente impediram Artur de buscar por esposa aquela que seria a causa da destruição de sua corte. Novamente o destino age como senhor dos romances de cavalaria, traço que essas histórias trazem do mundo grego

¹⁰ Embora não seja objeto desse artigo analisar o texto literário da antiguidade clássica é impossível não mencionar a guerra de Tróia, outra tragédia bélica que ocorreu em decorrência de um homem solteiro apaixonado por uma mulher casada.

¹¹ DUBY, Georges. **Idade média, idade dos homens**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989, p. 38.

¹² MALORY, Thomas. **La muerte de Arturo**. Madrid: Siruela, 2005, p. 113.

¹³ Ibid., p. 114.

onde o *fatum* era elemento importante dos fenômenos acontecidos com os heróis, como é o caso de Aquiles na epopéia de Homero.

Mesmo escondido entre as mulheres o herói foi encontrado e levado ao campo de batalha para encontrar a sua morte através de uma lança traiçoeira em seu calcanhar. Mesmo sabendo que Ginebra decretaria o fim de sua corte e uma traição enorme a qual mereceria uma dura punição, Artur não pode fugir das artimanhas do seu coração. Ele a amava e ele a queria por esposa.

Esse amor exacerbado de Artur era um complicador no que seria tido, *a posteriori*, pelo trato conjugal: segundo Vecchio, marido e mulher deveriam se amar de forma recíproca e intensa, auxiliando mutuamente obterem a salvação. Mas, ao amor perfeito da mulher o marido deve opor um amor moderado, mais discreto. Ainda segundo a mesma autora:

A mulher ama perfeitamente quando, deslumbrada por esse sentimento, perde a dimensão da verdade e fica certa de que ‘nenhum é mais sábio, nenhum é mais forte, nenhum é mais belo que o seu esposo’ e sente prazer em tudo que o circunda, acha bom e justo tudo aquilo que ele faz ou diz. O deslumbramento e falta de medida que é proposto à mulher é exatamente o que está proibido ao marido: o seu amor nunca deve ser demasiado ardente, deve ser comedido e temperado¹⁴.

O amor de Artur por Ginebra é exatamente o inverso do que a idade média considerava ideal do amor do marido pela esposa: aparentemente ele é que estava deslumbrado por ela. E um amor como esse poderia ser muito perigoso inclusive para a salvação da alma do rei, pois inevitavelmente o levaria a cometer o pecado da luxúria: o homem que não ama com parcimônia, com um afeto mais moderado, pode perder o controle da racionalidade e se deixar arrastar pelo sentimento. As conseqüências desse sentimento são o ciúme, a passionalidade e a loucura: é a isso que leva o amor excessivo pela mulher¹⁵.

De acordo com a lógica prescrita pela igreja, a figura central do universo da mulher casada é o marido e não o inverso. Ele recebe toda uma série de atitudes e

¹⁴ VECCHIO, S. A boa esposa. In: DUBY, G.; PERROT, M. **História das mulheres no ocidente**. Lisboa: Afrontamento, 1990, p. 148.

¹⁵ No romance de Thomas Malory, nos capítulos finais onde o autor dá conta do fim da Távola Redonda e dos paladinos arturianos, percebe-se que uma das razões pela qual Artur moveu a guerra contra Lancelote foi exatamente o ciúme: ele não aceitou que o cavaleiro tivesse sido encontrado no quarto da rainha, onde Lancelote foi aprisionado por cavaleiros invejosos de sua relação com Artur e Ginebra. Assim, Artur moveu uma guerra para limpar a sua honra, a qual estava manchada pela traição da mulher e do amigo.

comportamentos da mulher, mas se torna o eixo em torno do qual giram todo o conjunto de valores que é proposto aos cônjuges. A obrigação primeira da mulher é amar o marido e nesse processo existem dois tipos de amor: o carnal, que é comparável a luxúria que leva ao pecado (tipo de amor que Artur demonstra ter por Ginebra) e o conjugal que estabelece a paridade entre os esposos.

O rei Leodegrance, pai de Ginebra sentiu-se honrado pelo fato de Artur querer casar-se com sua filha e a entregou prontamente junto com um presente de casamento: a Távola Redonda, em torno da qual os paladinos artúricos se reuniram antes de partir mundo a forma em busca de aventuras e batalhas. É importante perceber que até o momento a noiva não se pronunciou: Malory não deu voz a Ginebra para dizer o que ela pensava e se ela queria o casamento. Ela apenas é entregue por seu pai (sai da guarda de um homem), para Merlim que será o responsável por levá-la para Artur (vigiando a sua virgindade e tomando conta dela para evitar que outro homem se aproximasse) até Londres (onde ela será entregue a posse de outro homem). Que diz ao leitor ou leitora esse silêncio de Ginebra?

Em primeiro lugar ele dá conta de que a idade média é um período masculino, parafraseando Georges Duby, uma idade dos homens. O que se percebe é que os homens pelas ações, pelos seus testemunhos, mesmo nas páginas de um romance pertencem a um sexo superior. São as suas vozes que são ouvidas, são eles que chegam à superfície do rio dos tempos. E eles falam sobre várias coisas, inclusive mulheres.

Mulheres das quais podem demonstrar ter medo, desprezar, amar parcimoniosamente, amar loucamente de acordo com as regras do amor cortês. Mas seu testemunho vem sempre deformado exatamente pelo medo, pelo desprezo e pelo amor. E o que era a mulher nesse tempo longínquo? Essa tentativa de filtragem decorre da insistência em continuar ouvindo o seu silêncio, que diz, por exemplo, que entre a alta nobreza o contrato de casamento era feito de acordo com as necessidades das casas e não devido ao consentimento e amor mútuo das partes envolvidas.

É possível entrever alguns aspectos importantes relacionados à ética que envolve o casamento. Primeiramente: Artur está tomando apenas uma esposa, clara sugestão de monogamia. Mas o romance pode traduzir uma sociedade ideal, um desejo que não se fazia fato:

Essa sociedade não é estritamente monógama. Sem dúvida, ela só autoriza uma esposa por vez. Mas não nega ao marido, ou antes a seu grupo familiar, o poder de romper a união de acordo com sua

vontade, de afastar a esposa para buscar outra, de reiniciá-la, se necessário, a caça aos bons partidos. Todos os compromissos das bodas [...] têm, entre outras finalidades, a de proteger nos seus interesses materiais a esposa repudiada e a sua linhagem¹⁶.

Em segundo lugar, a sexualidade masculina pode ir bem mais longe do que o limite da conjugalidade. Segundo Georges Duby, ele não se restringia em absoluto ao quadro conjugal. A moral lícita o obrigava a isso, mas ela era um elemento que todos fingiam respeitar. Assim, o marido podia satisfazer-se com sua esposa e buscar ainda outras mulheres. Por aí se percebe, que seria louvável para Artur que ela já fosse experiente e versado em matéria de sexualidade.

E quanto a Ginebra? Que se esperava dela? Duby é claro em relação a esse assunto:

Em contrapartida, para a moça, o que se exalta e o que toda uma teia de interditos procura cuidadosamente garantir é a virgindade e, no que diz respeito à esposa, a fidelidade. Porque o desregramento natural desses seres perversos que são as mulheres comporta o risco, não havendo vigilância, de introduzir no seio da parentela, entre os herdeiros da fortuna ancestral, intrusos, nascidos de outro sangue, clandestinamente semeados, da espécie desses bastardos que os celibatários da linhagem disseminam, com expansiva generosidade, fora da casa ou entre os serviços¹⁷.

A igreja também propõe seu próprio modelo de casamento, o qual é embasado em algumas características principais: a primeira delas diz respeito ao ascetismo. A igreja desprezava o mundo, recusava-o mesmo, mas ela herdou toda uma bagagem cultura de Roma que vincula seu pensamento as filosofias antigas¹⁸. Sua predisposição em relação ao casamento é de condená-lo por vê-lo como um obstáculo ao ato da contemplação.

No entanto, os seres humanos precisam copular para se reproduzir (“Crescei e multiplicai-vos”), então, a igreja admite o casamento como um mal menor, adotando-o e admitindo como elemento que disciplina a sexualidade lutando de forma eficaz contra o pecado da fornicação.

Segundo Georges Duby, nesse processo a igreja pretende:

¹⁶ DUBY, Georges. **Idade média, idade dos homens**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989, p. 17.

¹⁷ Há que se ressaltar aqui a esquematização de uma moral doméstica (privada) que envolve a mulher em uma rede, que a tira dos olhos do público.

¹⁸ Veja-se o exemplo disso na influência que Platão tem sobre a obra de Santo Agostinho e Aristóteles na de Tomás de Aquino.

[...] tentar retirar da união matrimonial essas duas corrupções maiores, a mácula inerente ao prazer carnal, as demências da alma apaixonada¹⁹[...]. Quando se unem, portanto, os cônjuges não devem ter outra idéia na cabeça além da procriação. Se eles se permitem sentir algum prazer na sua união, ficam ‘maculados’: ‘transgridem’ [...]. E mesmo que permaneçam insensíveis, devem se purificar se quiserem, a seguir, aproximar-se dos sacramentos. Que eles se abstenham de todo contato carnal durante os períodos sagrados, se não Deus se vingará [...]²⁰

A igreja se esforçou para retificar, em vários pontos, os costumes laicos. Ao fazê-lo, ela desloca os limites entre o que era e o que não era permitido, ampliando de certa forma, a liberdade dos envolvidos nos processos que envolvem a prática do casamento e restringindo esse processo por outro lado²¹. Por fim, pouco a pouco os sacerdotes vão se imiscuindo no cerimonial do casamento visando sacralizar o ritual, especialmente as núpcias, abençoando o leito nupcial e expulsando o satânico desse entorno.

Sobre o assunto afirma Vecchio:



A definição da natureza sacramental do matrimônio marca não só a conclusão de um longo debate teológico mas também o triunfo do modelo eclesial. À literatura pastoral compete a tarefa de difundir e popularizar, eliminando-lhe as sutilezas teológicas, a nova doutrina matrimonial, e, ao mesmo tempo, de inventar uma pedagogia e uma moral da família que tenham em conta os valores da escolha conjugal²².

Nesse contexto, e seguindo a lógica de reformular os costumes laicos, a igreja constrói os modelos de comportamento para os casais, os quais abrangem um vasto repertório que inclui as Escrituras Sagradas e a Patrística: aí se encontram presentes

¹⁹ Aqui Tristão e Lancelote podem ser citados como exemplo: o primeiro viveu com Isolda uma união não legítima colocando em perigo a sua alma imortal e a dela, em meio a natureza selvagem de uma espécie de paraíso idílico onde ambos se animalizaram para viver esse amor profano cuja condição humana era negada. O segundo em seu louco amor por Ginebra, não deixou de ir ao seu encontro mesmo que fosse em uma carroça, o que resultou em um romance de cavalaria com esse nome, **Lancelote, o cavaleiro da carroça**.

²⁰ DUBY, Georges. **Idade média, idade dos homens**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989, p. 18.

²¹ Em relação aos servos, por exemplo, os procedimentos conclusivos da união matrimonial são suavizados, pois se enfatiza o compromisso das almas, libertando-se a pessoa das obrigações familiares e emancipando esse casamento dos ditames do senhor. Já quando o assunto se refere à monogamia, a igreja procura reforçá-la e concebê-la de forma absoluta, condenando o repúdio à esposa.

²² VECCHIO, S. A boa esposa. In: DUBY, G.; PERROT, M. **História das mulheres no ocidente**. Lisboa: Afrontamento, 1990, p. 144.

Adão e Eva (o primeiro casal) e sua condenação pós-pecado original, que fixou destinos diferentes para o homem e para a mulher a partir da palavra de Deus; os discursos de Paulo que fixam uma relação de submissão em relação ao homem nas linhas da moral conjugal. Ainda se descobrem as santas esposas do Velho Testamento, como Rebeca, por exemplo; as santíssimas esposas dos primeiros séculos do cristianismo e, acima de todas, a incomparável Virgem Maria.

No caso específico do sentimento que envolve Artur e Ginebra no contexto que culminou a cerimônia de seu casamento, é possível ao leitor/leitora de Malory saber que Artur a amava desmesuradamente, loucamente. Isso era um grande problema. Em relação ao sentimento da futura rainha não se declara nada, seguindo a linha de costumes do medievo onde a voz da mulher não era ouvida, principalmente a de condição elevada, quando o assunto era estabelecer alianças pelo casamento.

Quando Artur soube da chegada de sua noiva e dos cem cavaleiros com a Távola Redonda, acolheu com grande alegria a ambos: a noiva e a mesa, e o disse publicamente:

Muy bien venida a mi es esta hermosa dama, pues hace mucho que la amo, y por tanto nada hay tan grato para mí. Y más me placen estos caballeros de la Tabla Redonda que muy grandes riquezas²³.

Na citação acima se percebe a existência de duas classes de amor: o amor de Artur por Ginebra, tratada por formosa dama a qual o rei ama faz muito tempo; e o amor entre os iguais. Artur não deixa de dizer que os cavaleiros lhe são muito queridos. Inclusive, pode-se pensar, mais que a própria noiva por conta da expressão “y más me placen”. O amor dos cavaleiros entre si, do líder do grupo de cavaleiros e da sua mesnada, é uma amor maior.

Esses homens faziam tudo juntos: participavam das justas, espécies de treinos para as verdadeiras batalhas, eram treinados desde a mais tenra idade onde viviam sob égide dos cavaleiros mais velhos, como foi o caso de Artur, escudeiro de seu irmão adotivo. Eles desenvolviam entre si um sentimento de amor, que pode ser considerado o amor entre os iguais, os que vivem em um mundo masculino que é seu onde as mulheres são o objeto de suas conquistas: quanto mais valorosa a sua atuação enquanto baluarte da guerra, quanto mais distinta a sua linhagem, melhor o seu prêmio.

²³ MALORY, Thomas. **La muerte de Arturo**. Madrid: Siruela, 2005, p. 114.

Se poderia pensar que depois da recepção dada por Artur, Ginebra se manifestasse. Mas ela não o faz de sua boca não se escuta sequer uma palavra. A única coisa que se sabe é que os preparativos para o casamento e para a coroação do rei e da rainha se fizeram a toda pressa e da melhor maneira possível. Aliás, se fala muito menos do casamento que da necessidade de Artur em buscar, através de Merlim, cinquenta cavaleiros de valor para que ocupassem as cadeiras da Távola Redonda.

Em meio a toda essa movimentação (pois se supõe que buscar cinquenta cavaleiros e preparar uma cerimônia dupla não seja coisa simples) o sobrinho do rei, Gawain outorgou-lhe um pedido: que fosse feito cavaleiro por ele no mesmo dia em que desposasse a Ginebra. Ao que Artur respondeu que o faria de muito bom grado. Então, juntando-se a busca dos cavaleiros da Távola Redonda, mais as cerimônias de casamento e coroação a corte ainda vivenciaria o adubamento²⁴ de Gawain.

Mas a programação dos festejos ainda estava longe de terminar: um homem chega à corte de Artur montado em uma égua magra e pede ao rei que faça seu filho cavaleiro:



Señor – dijo Aries -, este deseo viene de mi hijo y no de mi, pues os diré que tengo trece hijos, y todos ellos hacen el trabajo que los pongo, y están contentos de trabajar, pero este hijo no quiere trabajar para mí, por mucho que mi mujer y yo hagamos, sino que anda siempre disparando o arrojando dardos, le gusta ver batallas y caballeros, e día y noche desea de mí ser hecho caballero²⁵.

Malory coloca o leitor/leitora diante de um dilema: sabe-se que a sociedade medieval baseava-se no princípio da sociedade de ordens, onde cada indivíduo pertencia a uma determinada categoria devido a vontade divina e dessa categoria ele não poderia sair, pois a ordem era imutável assim como imutável e sapiente era a vontade de Deus. Assim havia os *oratore* (os que rezavam), os *bellatore* (os que guerreavam) e os *laboratore* (os que trabalhavam). Das duas primeiras categorias faziam parte os membros da nobreza, da terceira os servos. Fica claro que o homem que chega montado em uma égua magra e que distribui tarefas aos filhos, que as cumprem diligentemente é um camponês, um servo. Seus filhos deveriam seguir a sua herança social: serem servos também.

²⁴ Cerimônia através da qual um jovem era sagrado cavaleiro

²⁵ MALORY, Thomas. **La muerte de Arturo**. Madrid: Siruela, 2005, p. 116.

Entretanto, há um entre eles que não quer ser camponês e nem trabalhar no campo, deseja ser cavaleiro. Diante desse fato é difícil não perguntar: irá o cavaleiro Thomas Malory, inverter uma ordem social e permitir que um jovem campônio seja promovido pelo rei a uma condição social melhor? A resposta é não.

Artur pede a Merlim que decida se o jovem que almeja a ordem da cavalaria e cujo nome é Tor, será bom cavaleiro ou não. As palavras do mago que conhece o passado por ser filho de um demônio não deixam dúvidas: “Sí, señor; há de ser buen caballero, pues viene del hombre más bueno de cuantos hay vivos, y de sangre de rey”.²⁶

A fala do mago se revela um enigma que nem o próprio rei é capaz de compreender. Mas o mistério é revelado por Merlim da seguinte forma: o vaqueiro pobre que havia trazido o rapaz a corte de Artur e que se dizia seu pai, na verdade não tinha nenhum parentesco com o jovem, pois seu pai era o rei Pellinor. O vaqueiro não pode acreditar nas palavras proferidas pelo conselheiro de Artur, o qual mandou que a mulher do vaqueiro fosse trazida até ele.

Aqui se passa uma das passagens mais intrigantes do livro III da obra de Malory, dedicado (entre outras coisas, como se percebe) ao casamento de Artur e Ginebra. Segue abaixo a transcrição da referida passagem:

Al punto fue traída la mujer, que era una hermosa dueña, y allí respondió a Merlín **muy mujerilmente**, y conto al rey y a Merlín que cuando era doncella y fue a ordeñar lãs vacas, topó con un grave caballero, ‘y **medio por fuerza** tuvo mi doncellez, y en aquella sazón engendro a mi hijo Tor, y se llevó mi galgo que yo tenía conmigo en aquella sazón, y dijo que guardaria el galgo por mi amor ²⁷. (Destaque nosso)

A partir das partes grifadas é possível levantar dois aspectos importantes: a mulher foi extremamente corajosa nessa corte de homens e nesse mundo viril para falar do estupro a que fora submetida. Ela assumiu a sua “virilidade” para realizar tal ato: portanto ela agiu com uma espécie de “hombridade” feminina (*muy mujerilmente*), e falou a verdade sem temer as conseqüências que poderiam advir de seu ato.

Cabe aqui ressaltar outro detalhe: ela o fez depois de muitos anos, mesmo com o marido estranhando as maneiras do filho ela não lhe revelou o fato. Ele só veio às claras depois de Merlim, um homem de um estrato social superior que conhecia todas as

²⁶ MALORY, Thomas. **La muerte de Arturo**. Madrid: Siruela, 2005, p. 117.

²⁷ Ibid., p. 117.

verdades do mundo, desde o passado até o presente e mesmo o futuro, lhe pergunta: a esse homem não havia possibilidade de enganar nem de mentir.

Outro aspecto importante a ser ressaltado é o estupro sendo disfarçado pelo autor através do termo *medio por fuerza*: não condizia com a regra da cavalaria que predizia que o cavaleiro deveria honrar e proteger as donzelas²⁸ agir com tal vilania: então se idealiza o encontro onde a jovem é arrebatada e em sentimento de confusão fica sem ter a noção clara da violência a qual foi submetida, sabendo que perdeu a virgindade e teve como consequência do estupro a concepção do filho.

O idílico da cena está no galgo que o cavaleiro leva como lembrança por amor dela. Malory estava escrevendo para uma seleta audiência que queria cavaleiros cortesês para com suas damas, cheios de proezas, e não estupradores: o autor pinta a cena com as cores do herói apaixonado. É como se Pellinor estivesse sempre à espreita da doce camponesa que lhe havia arrebatado o coração e como o amor dos dois era impossível pela diferença social ele levou o galgo que pertencia a ela para lembrá-la para sempre.

O vaqueiro, aturdido pela revelação, diz que não suspeitava que isso tivesse acontecido, mas podia acreditar no fato porque seu filho mais velho nunca havia tido suas maneiras. E pela primeira vez Tor se pronuncia: ele teme pela honra da mãe, pois seu ato poderia ser tido por uma traição. A resposta de Merlim é taxativa:

Senõr – dijo Merlín-, más honra es para vos que daño, pues vuestro padre es buen hombre y rey, y muy bien puede acrecentaros a vos y a vuestra madre, pues fuisteis engendrado antes que ella se casasse.²⁹

As palavras do mago encerram a saga da mulher que poderia ser acusada de traição: todos na corte concordam com a sábia intervenção, mesmo o vaqueiro que poderia ser considerado o homem traído e assim se encerra esse episódio, tendo Pellinor, posteriormente reconhecido Tor como seu filho.

O dia do casamento de Artur e Ginebra chega, mas Malory só permite perceber isso aos olhos atenciosos que seguem sua pena caprichosa: ele deixa Gawain dizer em páginas antecedentes que queria ser sagrado cavaleiro no casamento do tio. E o capítulo que dá conta do casamento tem por título: “Cómo sir Tor fue reconocido por hijo del rey Pellinor, y cómo Gawain fue hecho caballero”.³⁰ Mais uma vez o amor entre os

²⁸ Processo válido para as donzelas de seu meio social, cuja virgindade era moeda de troca em casamentos envolvendo linhagens.

²⁹ MALORY, Thomas. **La muerte de Arturo**. Madrid: Siruela, 2005, p. 117.

³⁰ Ibid., p. 117.

cavaleiros prevalece sobre o amor entre homem e mulher. E o mais espantoso: a noiva continua muda. Não há uma linha de diálogo que seja dela desde que o Livro III cujo epíteto é o seu casamento começou.

Pela manhã o rei Pellinor, pai de Tor, chegou à corte de Artur. No contexto da festa os dois jovens foram sagrados: Tor em primeiro lugar e Gawain em segundo. A Távola Redonda foi inaugurada e para grande espanto de Artur havia ao redor dela lugares vazios. Merlim, como sempre, foi taxativo na resposta:

- Señor – dijo Merlín-, nadie se sentará en esos sitios sino los de más merecimiento. Pero em la Silla Peligrosa sólo podrá sentarse uno; y si alguien fuese tan osado de hacerlo será destruído; pues el que se há de sentar en ella no tendrá par.

Y seguidamente tomo Merlín al rey Pellinor por la mano, y al llegar al que estaba junto a las dos sillas, y a la Silla Peligrosa, dijo, de manera que todos lo oyesen:

- Este es vuestro sitio, y más digno sois de sentaros em él que ninguno de cuantos aquí están.³¹

Esta cena desperta a inveja de Gawain, recém feito cavaleiro, pois Pellinor havia matado ao rei Lot, seu pai. Gawain jura matá-lo e seu irmão Gaheris o acompanha em seu juramento de vingança. Entretanto, ele diz ao irmão mais velho que não podem fazê-lo ali na festa de casamento de Artur e Ginebra, mas que devem matar Pellinor fora da corte.

Aqui já é perceptível no texto de Malory uma das cores que fazem seu romance de inspiração medieval receber ares de modernidade: o sentimento de inveja, de intriga que nasce na corte de Artur e lembra os salões freqüentados pelo próprio Thomas Malory³². Tanto que de acordo com Márcia Maria de Medeiros, no artigo **O autor e sua Obra: Thomas Malory e a Morte de Artur:**

Já o romance de autoria de Thomas Malory possui outra marca: não é o pecado ou a traição da bela Guinevere que arrasta a corte de Artur para a catástrofe, muito menos a soberba ou o incesto do próprio Artur. O problema central está posto nos ódios e nas rivalidades da corte [...]³³.

A festa referente ao casamento de Artur e Ginebra se desenrolou e o rei desposou a jovem na igreja de Santo Estevão, com uma grande solenidade. Mas, em

³¹ MALORY, Thomas. **La muerte de Arturo**. Madrid: Siruela, 2005, p. 118.

³² Malory viveu entre os anos de 1405 a 1471, na Inglaterra absolutista que presenciou a Guerra das Duas Rosas, e sua obra foi escrita enquanto estava preso em Londres, onde cumpria pena.

³³ MEDEIROS, Márcia Maria de. O autor e sua obra: Thomas Malory e a Morte de Artur. **Revista Perspectiva**. Erexim, n. 120, p. 40.

meio aos festejos, Merlim anuncia que todos verão estranha e maravilhosa aventura a qual seria vista por todos os cavaleiros da Távola Redonda. E a atenção se desvia dos noivos novamente, para focar-se no seguinte fato:

Y estando todos allí sentados entro corriendo un ciervo blanco en la sala, y una perra blanca em pos de él, y treinta pares de perros negros detrás, con gran bullício. Y el ciervo corrió alrededor de la Tabla Redonda. Y al pasar junto a otras mesas, la perra blanca le mordió en la nalga y le arranco un trozo, por lo que el ciervo dió un gran salto y derribó a un caballero que estaba sentado junto a la mesa, y al punto se levanto el caballero, tomó la perra, salió con ella de la sala, tomó su caballo y se fue con la perra³⁴.

Pelo restante desse livro sobre as bodas de Artur com Ginebra, Malory segue narrando a aventura que envolve o cervo branco e a cadela, a qual pertencia a uma dama. Não é objetivo deste artigo analisar essa aventura senão volver seus olhos para a questão referente ao casamento de Artur e Ginebra, portanto seguir-se-á esse propósito³⁵.

No século XIII, a literatura pastoral havia definido um modelo de esposa a qual era encarnada por Sara. Sobre o assunto Silvana Vecchio, no texto **A boa esposa**, diz o seguinte:

Entre as muitas figuras femininas das Escrituras, a literatura pastoral do século XIII revelou uma predileção especial por Sara, personagem menor da história sagrada, até aquele momento quase ignorada; casada com Tobias depois de insídias diabólicas lhe terem por sete vezes morto os maridos na vigília de núpcias, Sara afronta o matrimônio depois de três noites de oração e com as mais santas intenções. Obediente, casta, devota, Sara encarna aos olhos dos clérigos ora uma ora outra das virtudes requeridas à boa mulher, mas sobretudo oferece a possibilidade de compendiar, na rápida lista das obrigações que os pais lhe recordam no momento das núpcias, os múltiplos papéis da mulher no interior da família e de desenvolver para cada um deles, regras específicas de comportamento³⁶.

A boa esposa medieval devia ser uma nora respeitosa, honrando dessa forma a mãe da sua nova família segundo os preceitos dos mandamentos sagrados; uma mulher fiel; mãe cuidadosa; profícua dona de casa. Essa mulher era irrepreensível sob qualquer ponto de vista e ângulo de visão, como Sara figura que mesmo no final da idade média ainda encarna o ideal feminino testemunhando a persistência de uma tradição e de uma

³⁴ MALORY, Thomas. **La muerte de Arturo**. Madrid: Siruela, 2005, p. 119.

³⁵ Maiores informações sobre o assunto da aventura envolvendo o cervo e a cadela ver: Ibid.

³⁶ VECCHIO, S. A boa esposa. In: DUBY, G.; PERROT, M. **História das mulheres no ocidente**. Lisboa: Afrontamento, 1990, p. 143.

linha de pensamento a qual nem mesmo o humanismo renascentista teve força para contrapor.

Essa mulher deve ainda ser branda, e com sua doçura ser capaz de amenizar ânimos exaltados: suavizar matizes muito contrastantes, apaziguar conflitos tanto no interior do casamento quanto fora dele, desenvolver uma ação pacificadora que surge ligada à docilidade e capacidade de submissão do que as qualidades positivas ou capacidades de mediação. Figura que remete a mediadora maior, Maria.

